

O castelo de Chiaramonte

história

O Castelo Chiaramonte da Siculiana, localizado no homônimo centro agrícola e mineiro de Agrigento, localizado a 85 metros acima do nível do mar entre a capital e Sciacca, é um monumento da arquitetura anônima e rica do castelo. Construída no final da crista rochosa de um promontório, talvez a sede da antiga cidade chamada Cena, dominava com suas torres com ameias a cidade de mesmo nome e o vale suavemente situado no Mar Mediterrâneo, onde ficava um rico empório de trigo localizado. Por isso era uma fortaleza inexpugnável. Sua impregnação se devia principalmente às paredes, que caíam totalmente à beira da rocha. A origem do forte é árabe. Os muçulmanos o chamavam, junto com a pequena aldeia circundante, "Rahl ou Kalat Siguliana", e está entre os onze castelos que resistiram a Rogério o normando, mas que foram destruídos após a rendição de Agrigento, assinada em 25 de julho de 1087. Após a guerra das Vésperas, que terminou com a paz de Caltabellotta (24 de agosto de 1302), Federico Chiaramonte, filho de Federico e da Marchisia Prefolio, senhora de Caccamo, recebeu o baronato da Siculiana unido ao de Favara e Racalmuto do rei Federico II de Aragão como recompensa por sua bravura. Chiaramonte mandou reconstruir o antigo castelo árabe, cujos restos estavam totalmente arrasados. Os trabalhos de restauro foram executados com tanta rapidez que já em 1310 a fortaleza da Siculiana tinha recuperado vida nova. A fachada do edifício, voltada a sul, foi dotada de torres e propugnáculos. EU' a única via de acesso era esculpida na rocha dura e comunicada apenas com a ponte levadiça e através de um hall de entrada, um arco no centro, chegava-se a meio do vasto campo de desfile de forma triangular, onde se cavava uma cisterna profunda para recolher e preservar a água da chuva para o uso diário do castellani, água que se tornou preciosa em caso de cerco (ainda existe hoje). Um autêntico hipogeu ligava o castelo a um local próximo ao "Caricatore di Siculiana" (porto de Siculiana) e a uma antiga residência principesca de Serralunga, no bairro homônimo, para permitir ao Barão uma rota de fuga secreta em caso de necessidade. A entrada deste hipogeu localizava-se em uma sala do "Quarto nobile" e foi

voluntariamente bloqueada pelo Agnello em 1934. O pátio era ladeado pelos grandes estábulos, as salas de armas, os aposentos dos armeiros e o pessoal do estábulo, os vastos armazéns de armazenamento de colheitas e mantimentos, as prisões e a igreja de San Lorenzo, a mais antiga da Siculiana, datando de meados do século. XVII, também chamada de "Madonna degli Angeli", onde teve lugar o primeiro lugar de culto do Santo Crucifixo (é celebrado na Siculiana todos os anos no início de maio). Esta pequena igreja foi a sede de uma antiga e sólida irmandade. A sudeste existiam os quartos denominados "quarto nobre", constituídos por dois pisos, utilizados como residência do barão e local de recepções. Nas salas internas, até o início de 1900, os restos de afrescos antigos podiam ser admirados. Aqui, em 1311, foi celebrado, com grande pompa de aparelhos, o segundo casamento entre a filha única de Federico Chiaramonte, Costanza (viúva do Marquês de Savona, Antonino del Carretto), e o nobre genovês Brancaleone Doria, governador da Sardenha em 1335. Parece que a escolha do Castelo Siciliano foi determinada, além do encantamento do lugar e da estrutura, de uma crença segundo a qual os pactos concluídos na fortaleza da Siculiana foram abençoados pela Providência. Essa crença, mesclada entre fé e superstição, elevou a fortaleza da Siculiana a um símbolo de abundância. Isso explica os muitos casamentos e acordos nobres que ali foram celebrados. Brancaleone Doria é o personagem citado por Dante alighieri no Inferno da "Divina Comédia" (canto XXXIII, versos 133 a 153). Após a morte de Federico, ocorrida em Agrigento no final de 1312, o baronato e o castelo da Siculiana foram para Costanza, seu herdeiro universal. Costanza gostava de se rodear de bordadeiras e apreciava as artes em geral. Ele morreu em Agrigento em março de 1350, deixando o título e as propriedades para Antonio del Carretto Chiaramonte, barão de Racalmuto, seu filho primogênito de primeira cama. As recepções que Antonio realizou no castelo siciliano sem poupar nenhum esplendor foram muito celebradas. Com a morte de Antonio del Carretto, o senhorio da Siculiana passou para o filho mais velho Gerardo, um partidário convicto do rei Martino e seu partidário incontestável contra os barões sicilianos que se revoltaram contra a coroa aragonesa em 1398. Gerardo del Carretto se aposentou, porém, no Piemonte, deixando o baronato e as terras da Siculiana para seu irmão mais novo, Matteo. Esta posse foi confirmada pelo Rei Martin em 1401, como um sinal de gratidão à linhagem. Com a morte de Matteo del Carretto, a terra da

Siculiana passou em 1408 metade para Giovanni, seu filho mais velho, e metade para Andrea Caro, um nobre de Licata. Em 1427 o nobre catalão Gilberto Isfar de Corilles adquiriu o senhorio, as terras e o castelo da Siculiana, que passou para a Sicília na esteira do rei Alfonso o Magnânimo que três anos depois lhe concedeu o direito de exportar do carregador de grãos do senhorio produtos de cereais, bem como os direitos de portulania e o direito de nomear vice-portulano. Esta elergizione constituiu a recompensa do "valente" soberano Gilberto pelos serviços meritórios prestados durante a conquista do reino de Nápoles. Gilberto não desdenhava o sexo gentil e também era um caçador habilidoso. Em 1437 Giovanni Gaspare, filho de Gilberto, foi investido no baronato, que com o privilégio de D. Afonso em 29 de janeiro de 1458, conseguiu associar o território vizinho de Monforte ao senhorio da Siculiana, que mais tarde acolherá a cidadania de Cattolica. Vincenzo Corilles herdou a terra e o castelo da Siculiana em 1491 de seu pai, Giovanni Gaspare, que vinga o baronato a Guglielmo Valguarnera. Em todo caso, o baronato foi resgatado por Giovanni Isfar de Corilles, que se investiu em 26 de maio de 1526. Giovanni era um homem irascível, exigente com os criados. Ele deixou marcas arquitetônicas da cultura espanhola no castelo. ele tinha uma predileção particular por perfumes. O último desta família foi Blasco, marido de Laura Gaetano, que fundou Cattolica em 1642, às margens do rio Platani, onde Filipe II criou um principado. Diz-se que Di Blasco gostava de botânica, parece que seguia directamente a plantação de espécies vegetais nos jardins do Castelo, que gostava de seleccionar. Em 1 de outubro de 1616, sua única filha Giovanna foi investida com o senhorio da Siculiana e desta cidade. A família "del Bosco" morreu em 1668 com a morte de Giuseppe (que não tinha descendência), filho de Francesco del Bosco Isfar. Em 12 de maio de 1721, seu tio materno Francesco Bonanno del Bosco, príncipe de Roccafiorita, filho de Rosalia del Bosco Sandoval e de Filippo Bonanno Marini, investiu no baronato. Francesco era amante da pintura e a ele devemos boa parte dos afrescos outrora admiráveis no "quarto nobre" (demolido no início de 1900 pelo Barão Agnello). Após sua morte em Nápoles em novembro de 1779, seu filho mais velho e herdeiro universal Giuseppe Bonanno Filangeri o sucedeu no senhorio da Siculiana. Destes, o baronato passará para Francesco Antonio Bonanno Borromei em 24 de março de 1781 e finalmente para Giuseppe Bonanno Branciforti em 9 de julho de 1798, seu filho, morto durante os tumultos de Palermo de 1820. Último barão

da Siculiana, reconhecido por decreto real de 26 de dezembro 1899, foi Antonio Bonanno Perez. Este último dotou o Castelo de uma adega admirável, ele próprio foi um enólogo requintado. Quando o regime feudal cessou na Sicília, o castelo foi usado como "banho penal" (prisão). Os nomes dos prisioneiros ainda estão impressos em uma antiga porta da cela de confinamento solitário, gravados por suas próprias mãos. Até 1924 foi usada como prisão distrital. A propriedade passou então para os herdeiros do Barão Agnello que demoliu o "quarto nobre" (ano 1934), que é a parte de maior interesse histórico e artístico para construir uma suntuosa villa, em estilo neogótico, que contrasta com as casas pobres das pessoas comuns erigidas rio abaixo, uma indicação inequívoca de uma estrutura social ainda de traços feudais. Convidado do Cavaleiro Agnello, Giuseppe Tomasi di Lampedusa, um ilustre escritor do século 20, residiu nesta última villa de 4 de setembro a 11 de outubro de 1955. Segundo vários estudiosos, aqui Tomasi escreveu páginas da última parte de "Il Gattopardo", uma obra póstuma. Ainda na década de 1950, Karlheinz Stokhausen vivia no palácio Agnello, também convidado da família Agnello. A propriedade passou então para os herdeiros do Barão Agnello que demoliu o "quarto nobre" (ano 1934), que é a parte de maior interesse histórico e artístico para construir uma suntuosa villa, em estilo neogótico, que contrasta com as casas pobres das pessoas comuns erigidas rio abaixo, uma indicação inequívoca de uma estrutura social ainda de traços feudais. Convidado do Cavaleiro Agnello, Giuseppe Tomasi di Lampedusa, um ilustre escritor do século 20, residiu nesta última villa de 4 de setembro a 11 de outubro de 1955. Segundo vários estudiosos, aqui Tomasi escreveu páginas da última parte de "Il Gattopardo", uma obra póstuma. Ainda na década de 1950, Karlheinz Stokhausen vivia no

palácio Agnello, também convidado da família Agnello. que contrasta com as casas pobres dos plebeus erguidas no vale, um indício inequívoco de uma estrutura social ainda com traços feudais. Convidado do Cavaleiro Agnello, Giuseppe Tomasi di Lampedusa, um ilustre escritor do século 20, residiu nesta última villa de 4 de setembro a 11 de outubro de 1955. Segundo vários estudiosos, aqui Tomasi escreveu páginas da última parte de "Il Gattopardo", uma obra póstuma. Ainda na década de 1950, Karlheinz Stokhausen vivia no palácio Agnello, também convidado da família Agnello. que contrasta com as casas pobres dos plebeus erguidas no vale, um indício inequívoco de uma estrutura social ainda com traços feudais. Convidado do Cavaleiro Agnello, Giuseppe Tomasi di Lampedusa, um ilustre escritor do século 20, residiu nesta última villa de 4 de setembro a 11 de outubro de 1955. Segundo vários estudiosos, aqui Tomasi escreveu páginas da última parte de "Il Gattopardo", uma obra póstuma. Ainda na década de 1950, Karlheinz Stokhausen vivia no palácio Agnello, também convidado da família Agnello. Tomasi escreveu as páginas da última parte de "Il Gattopardo", uma obra póstuma. Ainda na década de 1950, Karlheinz Stokhausen vivia no palácio Agnello, também convidado da família Agnello. Tomasi escreveu as páginas da última parte de "Il Gattopardo", uma obra póstuma. Ainda na década de 1950, Karlheinz Stokhausen vivia no palácio Agnello, também convidado da família Agnello.